

Secretária de Educação, que Arruda trouxe de São Paulo, barrou indicação do senador Cristovam Buarque e não admite ingerência em sua pasta

# O poder de Maria Helena

LILIAN TAHAN

DA EQUIPE DO CORREIO

**T**oca o telefone da terceira mesa à esquerda de quem entra na sala principal do Centro Administrativo em Taguatinga. Alguém quer falar com a secretária de educação do Governo do Distrito Federal, Maria Helena Guimarães. Uma das assessores atende o telefone. É um deputado distrital. "Se for nomeação de diretor de escola, diga que eu não posso atender", orienta Maria Helena à funcionária. Não se trata de desprestigiar os parlamentares locais, mas ela cansou de receber ligações nos últimos meses em que o objetivo era o mesmo. "Muitos me procuraram na expectativa de usar a influência política para nomear diretores, trocar professores de escola, indicar pedagogos, até secretários. Tenho insistido que na minha pasta não há espaço para esse tipo de negociação", afirma.

A intransigência a respeito de algumas convicções foi o que motivou o primeiro teste na relação entre Maria Helena Guimarães e o governador José Roberto Arruda. No início de março, Arruda nomeou Marcelo Aguiar para uma das gerências de projeto do governo. Pessoa de confiança do ex-governador do DF e senador Cristovam Buarque, Marcelo Aguiar entrou no organograma do GDF pela cota do PDT. Ocuparia a gerência de avaliação da educação. Ocuparia. Porque Maria Helena não concordou com as atribuições do cargo cedido ao PDT. Na

**NÃO BATI DE FRENTE COM O GOVERNADOR, DEI UMA ESBARRADINHA DE LADO**

*Maria Helena Guimarães, secretária de Educação do GDF*

visão dela, vigiar o sistema de ensino é parte do processo de gestão e "tem que estar necessariamente vinculado à secretaria".

A despeito do constrangimento causado com os aliados do PDT, prevaleceu a opinião da gestora. Para abrigar Marcelo Aguiar a secretaria de governo criou uma outra gerência, a de qualificação profissional. "Não bati de frente com o governador, dei uma esbarradinha de lado", comenta a secretária. "Eu decidi e ele não desautorizou, acho que nos entendemos", avalia.

Em alguns episódios a secretária importada de São Paulo apresenta o seu estilo de trabalho na capital federal. Foi convidada por Arruda pelos predicados de um perfil técnico. Maria Helena é socióloga com doutorado em Ciên-

cias Políticas. Participou da fundação do Núcleo de Políticas Públicas da Unicamp, na década de 1980, e de lá para cá já colaborou formal e informalmente com projetos políticos de estrelas da política tucana, como Fernando Henrique Cardoso (coordenou o programa de governo na área social em 1994), Paulo Renato de Souza (foi secretária-executiva no Ministério da Educação), Geraldo Alckmin (secretarias de Desenvolvimento Social e de Ciência e Tecnologia) e José Serra (colaborou nas campanhas ao Planalto e ao governo paulista).

Mas além da experiência na elaboração de políticas públicas, Maria Helena tem conquistado o respeito do novo chefe demonstrando aptidões políticas. Do ponto de vista do governo, a secretária soube contornar a primeira ameaça de greve de professores poucos dias depois do início da administração pefelista. Justificando o rombo no caixa deixado pela gestão anterior, o GDF atrasou em mais de um mês o pagamento das férias. "Na primeira reunião que tiveram com a secretária, os professores chegaram dispostos a cruzar os braços. Depois de uma hora de conversa, a secretária convenceu os sindicalistas a desistir da atitude", elogia o secretário de Comunicação do GDF, Welington Moraes.

Mas de lá para cá, a relação com os professores dá sinais de que pode azedar. Sindicalistas dizem faltar justamente o que governo avalia que está no ponto: sensibilidade no trato com a categoria. Representantes dos docen-

tes reclamam das críticas públicas feitas por Maria Helena aos professores. A secretária condena o excesso das licenças tiradas pelos profissionais da área e comenta que os salários no DF estão acima da média nacional. "Ela tem colocado nas costas dos professores a responsabilidade da quebra na qualidade do ensino, culpa que é do governo. Com isso, a secretária demonstra não conhecer a realidade da rede pública no DF, além de desprezar a construção de uma relação de confiança com a categoria", critica Antônio Lisboa, um dos diretores do Sindicato dos Professores do Distrito Federal (Sinpro DF).

Apesar das críticas, Maria Helena está disposta a defender um ponto de vista amadurecido durante os oito anos em que trabalhou como secretária-executiva do Ministério da Educação, na gestão de Fernando Henrique Cardoso. A gestora defende que os docentes no DF têm condição privilegiada em relação ao restante do país, mas mesmo assim a qualidade do ensino não corresponde à essa realidade. Maria Helena Guimarães está surpresa com a situação que encontrou no Distrito Federal. Às vésperas de completar 61 anos de idade, declara que a motivação de voltar a trabalhar em Brasília foi a perspectiva de realizar um sonho profissional. "Aceitei o desafio de desenvolver um novo projeto de gestão para a educação na capital, mas até agora só administrei crises", diz, ansiosa por apresentar resultados positivos.

**MARIA HELENA ACEITOU O DESAFIO DE DESENVOLVER UM NOVO PROJETO DE GESTÃO PARA A EDUCAÇÃO NA CAPITAL FEDERAL, MAS ATÉ AGORA SÓ ADMINISTRAR CRISES**